

**UM PROJETO DE APROXIMAÇÃO DA HISTÓRIA E DA SOCIOLINGÜÍSTICA  
RUMO AO ENTENDIMENTO DAS DISSIMETRIAS HUMANAS. A BOM  
ENTENDEDOR, MEIA PALAVRA BASTA?**

*UN PROYECTO DE ACERCAMIENTO DE HISTORIA Y SOCIOLINGÜÍSTICA HACIA EL  
ENTENDIMIENTO DE LAS DISIMETRIAS HUMANAS. A BUEN ENTENDEDOR, ¿POCAS  
PALABRAS BASTAN?*

Legrady, S.M.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil. Programa de Pós-Graduação em História Global (PPGH).

Recibido | Received: 27/11/2018  
Aprobado | Approved: 24/02/2019  
Publicado | Published: 30/03/2019

Correspondencia | Contact: Suzanne Maria Legrady | [sumurcia@gmail.com](mailto:sumurcia@gmail.com)

 [0000-0003-1646-0100](https://orcid.org/0000-0003-1646-0100)

**RESUMEO**

**Palabras clave**  
história  
sociolinguística  
dissimetria  
globalização  
comunicação

O presente artigo apresenta um projeto de construção de uma estrutura metodológica de análise de entrevistas no campo da História Oral enriquecida por propostas da Sociolinguística Interacional. Visa, portanto, descobrir novos caminhos que (re)significam as histórias de “corpos e almas em movimento”, bem como sinaliza proposições de entendimento das diversidades por meio do reconhecimento e da aceitação das dissimetrias humanas. A ideia central é a de fazer valer a articulação “língua(gem)-comunicação-história”, trazendo à tona múltiplos elementos (implícitos e explícitos) que compõem o vasto oceano das pluralidades de expressões humanas.

**RESUMEN**

**Palabras Clave**  
historia  
sociolingüística  
disimetría  
globalización  
comunicación

El presente artículo presenta un proyecto de construcción de una estructura metodológica de análisis de entrevistas en el campo de la Historia Oral enriquecida por propuestas de la Sociolingüística Interaccional. Tiene por objetivo, por lo tanto, descubrir nuevos caminos que (re)significan las historias de “cuerpos y almas en movimiento”, así como apunta hacia proposiciones de entendimiento de las diversidades a través del reconocimiento y la aceptación de las disimetrías humanas. La idea central es de hacerse valer la articulación “lengua(je)-comunicación-historia”, evidenciando múltiples elementos (implícitos y explícitos) que componen el vasto océano de las pluralidades de las expresiones humanas.

## ABSTRACT

**Keywords**  
history  
sociolinguistics  
dissymmetry  
globalization  
communication

This article is related to a project that build a methodological structure for the analysis of interviews in the field of Oral History enriched by proposals from Interactional Sociolinguistics. Thus, it aims to discover new paths that (re)signify the stories of “bodies and souls in movement”, as well as signals to the propositions of understanding the diversities throughout the recognition and the acceptance of the human dissymmetries. The central idea is to assert the articulation “language-communication-history”, in order to bring to the surface multiple (implicit and explicit) elements that make up the vast ocean of the pluralities of human expressions.

## INTRODUÇÃO

---

São inúmeros os ditados populares que poderíamos eleger para compor o título deste artigo, cuja finalidade é trazer à tona a importância da construção da história do cotidiano da humanidade a partir do respeito às subjetividades e às diversidades.

Talvez, a expressão mais óbvia seria (dentre tantos outros termos populares existentes) “Uma andorinha só não faz verão”, mas preferimos escolher “*A bom entendedor, meia palavra basta*” por sua capacidade de nos remeter a uma analogia entre “entendimento” e “língua(gem)”. Um aspecto a ressaltar é que adicionamos o ponto de interrogação, de forma provocativa, ao ditado em questão.

Será que algumas poucas palavras são suficientes para compreendermos a grandiosidade dos afetos e desafetos que um ser humano carrega consigo?

Um dos pontos centrais para empreendermos passos firmes rumo à compreensão das diferenças e à aceitação da diversidade humana gira em torno da *comunicação*. Comunicar-nos é um dos maiores desafios de nossas vidas. Se grandes conflitos são gerados entre pessoas que falam um mesmo idioma, que professam uma mesma religião, que estão marcadas pelos mesmos traços étnicos e culturais, podemos imaginar as complicações adicionais durante a tentativa de comunicação entre pessoas de diferentes culturas, idiomas, religiões e etnias. Diversidades, ao invés de incorporarem o papel de riquezas, costumam converter-se em divergências e, portanto, podem desencadear situações caóticas.

Para um bom entendimento é preciso que compreendamos não apenas as palavras, mas também toda a linguagem não verbal que permeia as relações entre diferentes interlocutores. Justamente por isso, a proposta deste artigo dará destaque à importância da aproximação entre duas metodologias científicas, com a finalidade de maximizar os resultados dos estudos de investigadores de diferentes setores de atuação (principalmente aos relacionados às Humanidades e às Ciências Sociais). Trata-se de um trabalho conjunto entre a História Oral (metodologia da Ciência Histórica) e a Sociolinguística (linha de pesquisa da Linguística).

Ao longo da nossa exposição, nossa preocupação será a de sinalizar como “língua(gem)” e “história” se entrelaçam, se enredam, se engendram, podendo colocar-se a serviço do fomento da compreensão, aceitação e acolhida das diversidades humanas.

Começamos destacando que as figuras centrais que dão vida ao encontro entre a História Oral e a Sociolinguística são:

1. Sujeitos-narradores: (grupo de pesquisados/entrevistados);
2. Sujeitos-pesquisadores: (que podem também ser sujeitos-escritores de suas dissertações, teses e livros);
3. Sujeitos-multiplicadores: (grupo de outros atores sociais que leem os resultados das pesquisas e que, possivelmente, os reproduzem).

No último tópico deste artigo, o leitor conhecerá um exemplo, uma entrevista realizada com um sujeito-narrador imigrante, um romeno (A.S.<sup>1</sup>) domiciliado em Zaragoza na Espanha.

## **MARCO TEÓRICO: A LINGUA(GEM) COMO CORPO E O ENTENDIMENTO COMO ALMA**

Um corpo que não alimenta a alma e uma alma que não alimenta o corpo estão fadados a minguar e a morrer. Parafraseando [Orlandi \(2012\)](#): “não se separa a vida biológica e a alma; não há almas individuais separadas” (p.71). Isso remete-nos à complexa perspectiva da simbiose entre materialidade e imaterialidade, (re)desenhada por elementos simbólicos que conduzem as vidas humanas a incompletudes e a contradições. Encontramos em [Aristóteles](#), a afirmação da relação constante entre corpo e alma. Dessa maneira, estão alma e corpo coligados. Tudo aquilo que a alma sofre, não ocorre sem o corpo. O corpo, por sua vez, nada faz sem a alma, pois ela é o seu princípio animador (anima): “A alma é corpo e princípio do corpo que vive” (De Anima, 415b7-14).

[Orlandi \(2017\)](#) também nos faz lembrar que: “Na relação inseparável entre corpo e alma, se juntam matéria, desejo, movimento, equívoco” -(p. 266). A autora afirma que, desde o seu ponto de vista, ao existir a presença da matéria, existe a contradição, o que, então, pode mostrar a entrada da ação da linguagem, ocorrendo a mistura de presença e ausência.

Compreender as verbalizações (ou mesmo, os silêncios ou silenciamentos) dos pensamentos e sentimentos humanos - por meio de palavras pronunciadas (ou não) em uma entrevista, as quais serão transcritas e constituirão o “corpus” das nossas investigações - exige uma minuciosa reflexão acerca dos gestos representativos e interpretativos, bem como dos vários instrumentos de análise dos mesmos. Conforme proposto por [Orlandi \(2017\)](#): “O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação

1. Identidade preservada respeitando a vontade do próprio imigrante. Entrevista realizada em 2005

com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história” (p.18). Para a perpetuação da história contada por um sujeito-narrador, portanto, não é somente meia palavra que basta. Faz-se necessária a sensibilidade para capturar os mínimos detalhes, resultando na *expressão maior das almas dos diferentes interlocutores envolvidos num processo comunicativo*.

Assim, como continuidade dessa proposição, refletimos sobre o fato dos “nossos muitos mundos” (que vão do pessoal ao universal) não estarem constituídos de coisas acabadas, mas sim de processos que estão em incessantes movimentos, muitos deles tensos e contraditórios. Há uma engrenagem que não pode ser vista meramente como aquela que afeta o sujeito, mas deve ser encarada também como aquela que constitui o próprio sujeito que é marcado pela mescla do real e do imaginário. Para [Orlandi \(2017\)](#): “o indivíduo se constitui em sujeito pela interpelação ideológica (a forma-sujeito histórica)” e “a ideologia, na formação teórica da Análise do Discurso, é elemento base, fundamento da constituição do sujeito e do sentido” (p.20).

A memória, o real, o imaginário e a produção das expressões orais ou escritas condicionam “o” e são condicionados “pelo” conjunto de processos da vida sociocultural e política de um sujeito. A língua(gem) pode, então, ser entendida como um conjunto de significações construído por processos históricos. Dessa forma, a alma da nossa proposta se faz presente por meio da identificação e da busca do entendimento das histórias, das identidades e das ideologias dos “corpos em movimento” (sujeitos-narradores), protagonistas do “corpus” das inúmeras pesquisas construídas por nós (sujeitos-pesquisadores).

Destacamos que o ponto crucial para a correta transcrição e análise do conteúdo (manifesto e latente) por esses “corpos em movimento” é a atitude que orienta e promove o respeito ao pluralismo de sentimentos, ideologias, pensamentos e formas de expressão. E segundo a teoria proposta por [Orlandi \(2017\)](#):

O conteúdo manifesto, ou seja, o relato, a narrativa, estaria relacionado ao trabalho do sonho e o conteúdo latente vincula-se à narratividade, ao gesto de interpretação, trabalho do analista. Na perspectiva discursiva, em que trabalho, não se alcança esta versão correta e integral, pois não há senão versões. O que há, isto sim, é a compreensão possível que resulta do trabalho do analista de como, interrogando os gestos de interpretação que constituem a materialidade do narrado (“a versão mutilada”), se chega à compreensão do funcionamento da ideologia e do inconsciente na produção dos sentidos. Tem-se acesso aos efeitos do funcionamento da memória, no sujeito, pela narratividade, inscrita na formulação. É esta que pode nos dar acesso à latência dos sentidos no sujeito. Gestos de interpretação. Com seus possíveis, impossíveis, seus equívocos. (p. 271)

As nossas ações, de sujeitos-pesquisadores, ao analisarmos distintos discursos, devem ser orquestradas por gestos isentos de imposições, julgamentos e preconceitos ao estabelecermos encontros dialógicos com os “corpos em movimento” que carregam marcas físicas e emocionais. Para que sejam produzidos resultados positivos, devemos transcender o uso da intelectualidade, empregando a “sensibilidade da alma” (que está associada ao princípio imaterial da vida, do pensamento e da ação). Portanto, *a transcendência do uso da intelectualidade nos leva à ruptura do pensamento de que para um bom entendedor, meia palavra basta, porque passa a nos importar a integralidade da comunicação e a garantia da integridade do valor humano que abarca expressões múltiplas de uma alma.*

Em vista do exposto anteriormente, esperamos (re)significar o uso de instrumentos metodológicos para que pensemos, sintamos, enxerguemos e expliquemos diferentes aspectos (tangíveis e intangíveis) que afetam e são afetados pelos “corpos em movimento” dos sujeitos-narradores de memórias, acontecimentos e histórias. Isso nos pede, portanto, que analisemos os discursos de cada sujeito-narrador respeitando os seus respectivos “modos de individuação”, ou seja, sob a perspectiva de “movimento de sentidos, silêncios, historicidade, conjugação, con-fusão, caminhos obscuros, insensatez, invenção, derrotas e rupturas. Resistências, deslocamentos, oscilações e apagamentos” (Orlandi, 2017, p. 79). Considerando que muitas das interrogações que surgem ao longo das nossas investigações estão diretamente relacionadas às problematizações relativas ao “ser histórico e simbólico”, o qual “tem seu corpo ligado ao corpo dos sentidos” (Orlandi, 2017, p. 33), assumimos que a retroalimentação do funcionamento “corpo / “alma” e “língua(gem)”/”entendimento” é a nossa grande tarefa enquanto estudiosos das ciências humanas e sociais.

## **MÉTODO: PENSAR, SOBRE CONCEITOS E PISTAS DE CONTEXTUALIZAÇÕES**

A metodologia adotada é a de parceria entre a História Oral e a Sociolinguística Interacional. Para tanto, destaquemos alguns conceitos das duas áreas de atuação.

Vejamos, inicialmente, a definição de História Oral proposta por [Alberti \(2008\)](#):

(...) uma pesquisa e constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador e a da fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. (p.155)

A História Oral trouxe consigo a possibilidade de registrar as memórias, testemunhos e vivências de pessoas e grupos, cujas histórias antes não eram trazidas à luz. Isso

correspondeu a um avanço para as áreas das Ciências Humanas, as quais passaram - conforme palavras de [Alberti \(2008\)](#) - a “reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma sociedade” (p. 158).

Consideramos de grande importância abrir tal parêntese aqui, pois colocaremos à prova uma proposta metodológica interdisciplinar e, portanto, para que tenhamos êxito nessa empreitada de esforços, toda e qualquer aresta que possa gerar futuras confusões e comprometer os resultados deve ser aparada. Mesmo que pareçam óbvios para historiadores, alguns pontos merecem ser revistos, pois acreditamos que possíveis sujeitos-multiplicadores da proposta deste artigo possam fazer parte de diferentes áreas disciplinares.

Ressaltamos, então, que as seguintes premissas são primordiais no tocante à nossa proposta:

- O relato de uma entrevista de História Oral não é a própria História. A entrevista não nos leva a uma revelação do real. A História Oral merece e precisa ser tratada como uma metodologia complexa, não simplista e reducionista.
- A mera apresentação das transcrições de entrevistas não se configura como um resultado final, contundentemente válido, de uma pesquisa. Ou seja, toda entrevista deve passar por processos complexos e interdisciplinares de interpretação e análise.
- Os registros por meio de entrevistas não devem privilegiar um ou outro grupo étnico-político-social. Devemos dar a oportunidade de manifestação a “corpos” e “almas” pertencentes a diferentes grupos, garantindo a pluralidade da articulação língua(gem)-comunicação-história.

Além disso, nossa proposta metodológica deseja romper com a alimentação de círculos viciosos de análises centradas em dicotomias como “incluídos, excluídos”, “vencidos, vencedores”, “localização, globalização”. Reconhecer que cada sujeito é constituído por aspectos (materiais e imateriais) que o fazem único resulta no respeito ao próprio sujeito e à pluralidade do conjunto de sujeitos, conjuntura essa que compõe o panorama da “dissimetria” enfocado por [Orlandi \(2017\)](#), a qual abordaremos mais adiante.

O parágrafo anterior resumiu um dos aspectos centrais da contextualização do nosso trabalho de aproximação entre “História Oral/Sociolinguística” em prol do entendimento de subjetividades e de diversidades. Para sublinhar a sua relevância, parafrasearemos [Alberti \(2008\)](#):

A História Oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. Nesse sentido, ela está afinada com as novas tendências de pesquisa nas ciências humanas, que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado. (p.164)

Inspirados por tal citação, a partir daqui, parece-nos muito oportuno entrelaçar o papel da Sociolinguística no processo de (re)conhecimento de multiplicidades. Reflitamos, portanto, sobre um dos objetivos da Sociolinguística:

(...) os padrões de comportamentos linguísticos observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente por meio de um sistema heterogêneo, reconhecendo a língua como uma realidade essencialmente social. Foi estabelecido como ponto essencial de investigação histórica, a localização do fenômeno sob mudança tanto no contexto estrutural (interno), quanto no contexto social (externo), pois, para eles, os estudos empíricos revelam a língua como um sistema que muda, em associação com as mudanças na estrutura social. (Orlandi, 2003, p. 102).

Sigamos nosso raciocínio, orientados por alguns dos aspectos abordados por [Jan Blommaert](#) (professor de estudos da linguagem, cultura e globalização da Tilburg University), o qual nos apresenta a Sociolinguística da Globalização (2017), por meio da qual construiu sua teoria sobre a transformação da língua(gem) no contexto de uma sociedade que está em constante processo de profundas mudanças. A língua(gem) humana (e aqui explicamos que não estamos apenas falando da “língua” enquanto expressão idiomática, mas sim de uma linguagem que engloba outros elementos como o gestual e o semiótico) move-se no contexto da globalização por meio de uma engrenagem que conecta diferentes comunidades não mais estáveis e residentes, mas sim em movimento.

Foi a partir desta proposição que agregamos o “em movimento” aos “corpos”. Ou seja, adotamos, assim, a nomenclatura “corpos em movimento” pelo fato de o mundo ter se tornado uma complexa rede de comunidades interligadas por materialidades e simbologias que se movem no plano da imprevisibilidade e das incertezas. Justamente por tal razão, [Blommaert \(2017\)](#) propõe a revisão da compreensão da comunicação linguística. Ele nos convoca para a reconsideração de temas como: localidades, repertórios, competências, histórias e diferenças sociolinguísticas.

*Não podemos nos esquecer de que a história contribui, em conjunto com as outras disciplinas, para o desenvolvimento de conceitos cuja própria natureza e direção apontam para conexões entre o passado e o presente, os quais definem e explicam eventos sociais sincrônicos que, graças às suas próprias essências históricas, carregam pistas para as análises e as interpretações de vários fenômenos relativos à trajetória dos seres humanos, em diferentes escalas de tempo e espaço.*

Todos os detalhes devem ser observados durante os contatos com sujeitos-narradores de um acontecimento. Palavras, gestos, movimentos, olhares, sons, silêncios, sinais, formas lexicais, idiomas em contato, formalidades e informalidades, posturas, atitudes, recolhimento ou transbordo são aspectos que bordam as entrevistas de História Oral e que precisam ser admirados, anotados e analisados com integridade e integralidade.

[Blommaert \(2007\)](#) mencionou que uma das principais contribuições da Sociolinguística tem sido a de demonstrar que:

(...) a “linguagem” é, durante o uso prático em situações reais, um repertório: um conjunto, culturalmente sensível, de gêneros, de estilos, de registros, com muitas formas híbridas e acontecendo por meio de uma gama variada de formas pequenas e grandes. (p.115)

As primeiras pesquisas de Sociolinguística ocorreram entre as décadas de 1950 e 1960. Trata-se de uma linha de pesquisa da Linguística, com vocação interdisciplinar, sendo que o seu objeto de estudo está centrado na língua(gem) com uma mirada para a identificação e a compreensão das influências dos aspectos sociais sobre a língua e as diferentes formas das pessoas expressarem-se. Os sociolinguistas estudam - de maneira criteriosa - as marcas que a oralidade e a escrita carregam, ligadas a regionalidades (variações diatópicas), a estilos (variações diafásicas) e a variações sociais ou diastráticas (diferenças linguísticas relacionadas ao lugar ocupado pelo falante na estrutura das relações sociais: escolaridade, nível socioeconômico, gênero, faixa etária, etc.).

Este nosso projeto de construção da história da diversidade (por meio da História Oral) versa do uso da linha da Sociolinguística Interacional, tendo como inspiração os trabalhos de [Gumperz e Hymes \(1972\)](#). Ou seja, o objetivo é o de estudar todo o comportamento social revelado pela linguagem, tratando-se de um estudo interpretativista, por meio do qual os interlocutores fazem parte de comunidades de fala, as quais são definidas por [Gumperz \(1972\)](#) como: “Qualquer agregado humano caracterizado por interação regular e frequente, por meio de um corpo de signos verbais compartilhados que contrasta com agregados similares pelas diferenças significantes no uso da língua.” (p.207)

Desta maneira, por exemplo, o imigrante A.S. (caso que apresentaremos mais adiante) fazia parte (por ocasião da entrevista realizada) da comunidade de fala dos imigrantes romenos residentes na *Comunidad de Aragón* na Espanha (em 2005). Esta contextualização é de grande importância para que possamos analisar o uso da língua espanhola pelo entrevistado em questão, os respectivos monitoramentos da fala, as escolhas lexicais e as marcas da língua materna em seu discurso. Além disso, cabe aqui introduzir *as pistas de contextualização*, outro conceito de [Gumperz \(2002\)](#). Elas são aquelas que conduzem o investigador pelos sendeiros da interpretação dos sentidos subjacentes ao enunciado. A teoria de interpretação de Gumperz propõe que o contexto seja pensado como processo inferencial e as pistas que encontrarmos sejam compostas por marcas verbais e não-verbais capazes de fornecer ao falante/ouvinte um *input* significativo para os processos inferenciais. Segundo exposto por [Ribero e Garcez \(2002\)](#), poderemos perceber que para Gumperz as pistas de contextualização constituem-se como pistas de natureza sociolinguística que utilizamos na sinalização das nossas intenções comunicativas ou, ainda, para inferirmos as intenções conversacionais do interlocutor.



As pistas de contextualização são:

- Linguísticas: alternância de código, de dialeto ou de estilo, expressões formulaicas (constituídas de estruturas fixas, tal como: bom dia, boa tarde, boa noite), aberturas e fechamentos conversacionais, escolhas lexicais e prosódicas.
- Paralinguísticas: ritmo, pausa, hesitação, sincrônica conversacional.
- Prosódicas: entonação, acento e tom.
- Não-vocais: gesticulação, movimento corporal, direcionamento de olhar e distância proxêmica (espaço pessoal do indivíduo no meio social).

Surge aqui uma questão a ser destrinchada no tangente às entrevistas de História Oral registradas apenas em áudio (sem vídeo). O investigador não terá como realizar a interpretação dos movimentos do entrevistado no momento das transcrições, o que comprometerá a análise das pistas de contextualização, tão importantes na proposta de Gumperz. Logicamente, o ideal para que ocorra uma perfeita instrumentalização é que os depoimentos sejam registrados por meio de gravações em vídeo. Contudo, caso haja a inviabilidade de tal execução, o que indicamos - para minimizar a perda de pistas de contextualização - é que todos os detalhes da interação entre sujeito-narrador e sujeito-pesquisador sejam anotados em um caderno de campo.

Outro aspecto a destacar-se é a compatibilidade entre o método de coleta e organização do “corpus” por parte da História Oral de forma que o “corpus” linguístico obtido sirva para a extração de pistas, análise e conclusões sobre a interação oral. O importante é que a interação se dê de forma natural e o seu teor seja respeitado tal qual foi produzido. A situação controlada pelo sujeito-pesquisador tem um limite e jamais devem acontecer monitoramentos e sugestões quanto à forma de expressão lexical e gramatical do sujeito-narrador. Por exemplo, caso estejamos entrevistando uma mulher boliviana que vive no Brasil há alguns meses e ela nos conte “Estou *embarazada* de dois meses”, podemos ficar confusos e não percebermos que não corresponde à palavra “embaraçada” do idioma português, mas sim a “grávida” (correspondente a *embarazada* em espanhol). Temos a opção, caso não tenhamos compreendido o sentido da frase, de lhe perguntar: “Perdão por interrompê-la. Você poderia repetir essa sua última fala?”. Ou ainda, anotar a dúvida no caderno de campo e, posteriormente, buscar a informação sobre a questão em aberto. Em hipótese alguma, devemos controlar e corrigir a fala do sujeito narrador, segundo a forma que nós imaginamos ser a correta.

## RESULTADO: SENTIR E ENXERGAR, COM HUMILDADE

---

Potencializamos o sentido do “corpus” conforme maximizamos a qualidade da interação empírica-teórica, escutando a palavra do outro, enxergando cada gesto do outro, sentindo o pulsar da vida do outro com humildade e ética. As pessoas que nos revelam o que viveram, o que viram, o que escutaram, o que testemunharam merecem o nosso respeito e a nossa empatia. Trata-se de reconhecer um “corpo em movimento” que vai abraçando sentidos maiores, produzindo a força e o entendimento da alma.

Para tal é fator condicionante e imprescindível que nutramos as nossas próprias almas de sujeito-pesquisador com o valor da aceitação das dissimetrias, as quais - parafraseando [Orlandi \(2017\)](#) - podemos descrever da seguinte maneira: “Quando falo em dissimetria, estou visando mostrar que somos diferentes e nossa diferença, como a diferença de poder aquisitivo social/poder de compra, ou outra qualquer diferença que se significa na sociedade e na história, não é simétrica” (p. 243).

Justamente por isso, devemos apurar nossas visões e audições para conhecermos (e darmos a conhecer) diferentes escalas que fazem parte da História Global da *humanidade em movimento*.

Se por um lado a Ciência Histórica tem proposto, há alguns anos, uma constante resignificação de escalas nos estudos historiográficos (referenciando narrativas inseridas em micro e macro-contextos), por outro a Sociolinguística Interacional também tem pautado novas discussões rumo à meta de ampliar o escopo das escalas. Os sociolinguistas foram abraçando novas escalas em seus estudos e, conforme destacou [Blommaert \(2007\)](#), o composto da variação sociolinguística abrange macro-variações, bem como micro-variações, as quais são importantes na vida social. Variações múltiplas funcionam como poderosas fontes de *significados indiciais*, conectando discursos a contextos. Além disso, podem elucidar aspectos relativos a categorias (semelhantes e diferentes) dentro dos enquadres (*frame*<sup>2</sup>) e, conseqüentemente, a identidades, tons, estilos e gêneros que podem pertencer a ou desviar-se de tipologias imaginadas. [Blommaert \(2017\)](#) destacou que a *lingua(gem)* está conectada a padrões culturais. *O multilinguismo relaciona-se (simbioticamente) ao multiculturalismo*. Isso tudo somado aos aspectos ideológicos levantados por [Orlandi \(2017\)](#) resulta em um complexo conjunto de elementos - não só os explícitos, mas principalmente os implícitos - presentes nas falas e nos gestos dos sujeitos-narradores entrevistados e observados pelos sujeitos-pesquisadores.

Se existem diferentes jeitos de expressões dentro de uma mesma língua, imaginemos, então, o grau de complexidade adicional nos contextos que comportam distintas línguas em contato.

---

2. As bases teóricas da análise de enquadres foram estabelecidas por Goffman (1974), em “Frame Analysis”, obra na qual apresenta um sistema de termos e conceitos para mostrar como as pessoas utilizam múltiplas estruturas para dar sentido a eventos. A forma como os participantes criam e negociam um contexto interacional, através do discurso, é sinalizada pela noção de enquadre

Uma interação comunicacional envolve expectativas. Já escutamos, algumas vezes, alguém falando: “faltou nexo no discurso do fulano”. Faltar nexo significa faltar coerência. Ao divagarmos sobre as falas serem suportadas por um nexo discursivo ou não, também lembramos do papel dos “marcadores discursivos” que ocupam destacada posição dentro dos mecanismos de organização de fala, abarcando sons, palavras e locuções.

O que queremos, nesse momento, é manter o foco na problematização do “nexo coesivo” e em articulações de frases, organização de tópicos e estruturas, aberturas, direcionamentos e encerramentos de assuntos. É deste nexos que queremos nos ocupar, ou seja, um nexos coesivo que seja responsável pelos mecanismos de coerência (ou ruptura das mesmas). Lembremo-nos, então, que a ideia de nexos nos transportará aos vínculos entre circunstâncias, acontecimentos e opiniões. Esse nexos, portanto, tem relação direta com a articulação língua(gem)-comunicação-história.

Vale ressaltar, ainda, que existe o movimento subjetivo do sujeito-narrador, presente no corpo das palavras e esse é o ponto chave para a nossa compreensão semântica da palavra “corpus” no caso específico do projeto do entendimento das diversidades que estamos propondo. Nós nos referimos a um “corpus” que nos leva à “intradiscursividade” (busca da materialidade discursiva nas sequências linguísticas) e à “interdiscursividade” (sentido de um discurso produzido, retomado ou complementado por outro), a fim de tocarmos em poros, veias, cicatrizes, fraturas não visíveis.

Enxergar o(s) outro(s) com humildade, sentindo a força das suas palavras, dos seus olhares, dos seus pesares e das suas alegrias é o que conclamamos em coro com Alberti (entrevistada por [Freitas, Araújo e Sales, 2017](#)) que vem salientando, há anos, que a pessoa que trabalha com História Oral tem que ser humilde. *Deve ser aquela que aprende com quem está falando*. Além disso, vale ressaltar que a pluralidade de narrativas é um dos aspectos mais preciosos que a História Oral tem a oferecer e destacamos que isso também se aplica à Sociolinguística.

*A articulação língua(gem)-comunicação-história quando conduzida com humildade nos leva (sujeitos-pesquisadores) além das “meias palavras”, ou seja, faz com que mergulhemos no oceano da pluralidade de expressões humanas.*

## **DISCUSSÃO CENTRAL: EXPLICAR, ENXERGANDO ALÉM DAS APARÊNCIAS**

Encerraremos o artigo, apresentando fragmentos da entrevista junto ao imigrante romeno A.S., realizada em 2005 em um pequeno *pueblo* chamado Longares (localizado na região de Cariñena, na província de Aragón). A.S. havia sido recebido por uma ONG que naquela localidade matinha uma casa de acolhida temporária a imigrantes. A Organização atuava de forma que os imigrantes de outras línguas maternas aprendessem o idioma espanhol com a

ajuda de professores voluntários e que sua equipe mediasse contatos no sentido de inserir os imigrantes no mercado laboral.

Antes de entrarmos no caso específico de A.S., contextualizaremos a situação da imigração na Espanha em 2005. Em maio de 2005, foi apresentado um estudo feito pela Divisão de População do Departamento de Economia e Assuntos Sociais da ONU, situando a Espanha como o principal país mediterrâneo que passou de emissor de população emigrante a país de destino de uma crescente imigração chamada de “extracomunitária” (grupo de pessoas não originárias de países da própria Comunidade Europeia). O relatório apontava para um número correspondente a 923 mil imigrantes residentes na Espanha em 2000 e 3,7 milhões em 2005. Também mostrava que 54,1% do total de imigrantes correspondiam a Marroquinos, Equatorianos, Romenos e Colombianos<sup>3</sup>.

Os romenos foram um dos grupos de imigrantes vítimas de discriminações e atos xenofóbicos naquela época, já que tiveram suas identidades associadas a ciganos e a infrações, furtos e roubos. Há de se acrescentar que a emigração, no caso da Romênia, faz parte também de uma “cultura migratória”, desenvolvida nas regiões que a emigração se impõe como uma das opções possíveis para o sujeito prosperar ou melhorar de situação socioeconômica. Esse mecanismo converteu-se em uma aspiração de grande escala que afetou maioritariamente aos jovens, movidos pela ideia de prosperidade.

Tal contextualização ajuda a compreender parte do sofrimento de A.S. até chegar em Longares, pois como abordado por [Orlandi \(2017\)](#):

Não se podem pensar estas questões que implicam a reflexão sobre a memória, a narratividade, processos de identificação, presença, sem pensar a conjuntura política e sócio-histórica contemporânea. E é nesta perspectiva de análise que nossas interrogações são postas a serviço da compreensão do nosso objeto de estudo: o corpo encarnado memória e sentidos do/no sujeito imigrante em seu modo de individuação. (p.80)

A fala de A.S. nos conduziu até a palavra cidadania.<sup>4</sup> Ele era professor de Filosofia em Bucareste e o seu salário correspondia a oitenta euros mensais (em 2005). No dia da nossa entrevista, já fazia aproximadamente dois meses que estava hospedado na casa de acolhida de Longares. Por tal razão, consegui comunicar-se conosco, ainda que precariamente e misturando expressões romenas às frases em espanhol. Vale à pena ressaltar, que A.S. não sabia nenhum outro idioma sem ser o romeno e o fato da fonética de algumas palavras em romeno se assemelhar bastante ao italiano nos serviu de ajuda, mas também nos trouxe dúvidas, as quais posteriormente foram eximidas.

3. Dados obtidos nos arquivos da Fundación para el Conocimiento Madrid. <http://www.madrimasd.org/> acesso em 19.jul de 2018

4. Não teremos como trazer todos os detalhes desta entrevista neste artigo por uma questão de limitação de espaço. Escolhemos, portanto, os trechos que cremos ser mais significativos para a compreensão da presente proposta.

Os fragmentos serão apresentados em espanhol (exatamente do jeito falado pelo sujeito-narrador). Pausas e outras observações estarão apontadas entre parênteses, respeitando a sequencialidade das falas e dos gestos. Ao fazermos as análises, explicaremos os aspectos mais relevantes quanto ao uso da língua espanhola e a sua mescla com o romeno. Daremos a conhecer um trecho das considerações que anotamos, naquela ocasião, em um caderno de campo.

A entrevista começou com a nossa apresentação e, logo em seguida, perguntamos a idade de A.S. que nos respondeu “*Treizeci și doi de ani*”. Ou seja, o fez em romeno, o que nos gerou uma certa confusão porque foneticamente “*treizeci*” nos soava como “*treze*” em italiano (“*tredici*”). Então, lhe perguntamos se poderia nos mostrar o seu passaporte. Ele foi buscá-lo e quando nos entregou, murmurou: “*Nu-mi place*”. Como parecia muito a “*Non mi piace*” na língua italiana, conseguimos entender que quis nos dizer “*no me gusta*” (o que no português seria um “*não gosto disso*”). Achamos que poderíamos tê-lo aborrecido com o nosso pedido e que aquela frase estava direcionada a nós. Resolvemos, então, lhe pedir desculpas por algum inconveniente: “*Perdón por si acaso hicimos algo que no te pareció bien.*” Imediatamente, nos disse: “*Nu...Nu era con ustedes. Estoy furios con Rumanía y no quiero ser rumano*”.

O /*Nu*/ (não) deixava claro que não havia discordância entre nós. Ou seja, era uma palavra negativa funcionando como afirmação de que entre nós estava tudo certo. Na verdade, ele estava /*furios*/ (bravo, furioso em romeno) com o seu país. Observemos que a fúria não se materializou contra políticos ou autoridades da Romênia, mas sim contra a nação (há um forte apelo simbólico e ideológico em tal discurso). Então, nada mais na Romênia prestava para A.S.?

A.S. contou-nos:

“*Am era profesor de filosofía en Rumanía. Salariul meu era igual a ochenta euros por mes. Si am pagaba la luz nu comía, si comía nu pagaba la luz. Me marché a Francia porque imaginaba vivir allí. Nu pasó cum imaginat porque fui furat en París.*” (A.S. suspirou profundamente e fez uma pausa).

Continuou após alguns segundos:

“*Entonces... Uhun... Fueron compatriotis míos, de Rumanía. Nu fui capaz de comprender como au facut ello. Eran de mi propia tierra. Vivía en la calle. Y una noche mientras dormía me llevaron todo que tenía en los bolsillos. Entonces...Nu tenía más dinero y pasé a comer comida que encontraba en basura*”.

Na fala de A.S., há uma forte presença do verbo ser (exemplos: *era profesor; era igual a oitenta euros por mes; fui capaz*). A mistura das línguas espanhola e romena é clara em: *Am* em romeno equivale ao pronome eu (português) e *yo* (espanhol); *salariul meu* é

muito parecido ao português (*meu salário*, o que em espanhol é *sueldo mío* ou *mi sueldo*); *nu* equivale a *não* (*no* em espanhol); *cum imaginat* significa *como imaginado* (português/espanhol); *furat* corresponde a *roubado* (*robado* em espanhol). No caso de *compatriotis*, transcrevemos exatamente o que compreendemos. Tempos depois, soubemos que o plural de compatriota em romeno é *compatrioții*, pois em alguns casos de palavras masculinas, o acréscimo do /i/ pode alterar o final da palavra e também que na maioria das palavras romenas, ao acrescentar as terminações do plural, são alteradas as vogais ou consoantes anteriores (como é o caso do /t/ que é substituído por /ț /).

Pensemos sobre a carga da palavra “compatriotas” no discurso de A.S. Um compatriota seu na França era tão “imigrante” quanto ele. Ou seja, A.S. foi roubado fora do seu país natal por alguém do seu próprio país de origem. Detalhe: ele afirmou que foram “compatriotas”. O plural dá uma dimensão mais grave para o ocorrido, dirigindo a responsabilidade do furto a um grupo de romenos. Seriam dois, três ou quantos? O que importava é que o enganaram e com isso a possibilidade de vida na França tinha se espargido.

Podemos inferir que as escolhas linguísticas (mentais) e sua oralidade (posterior à elaboração mental de A.S.) materializaram-se por meio de certa limitação do conhecimento da língua, mas um aspecto nos chamou especial atenção: o uso de */Me marché a Francia/*, construção essa muito típica do idioma espanhol (o que em português seria: *fui para a França*). Muitos imigrantes brasileiros residentes na Espanha que ainda não dominavam o espanhol, por exemplo, formulavam esta mesma frase da seguinte forma: “*Yo marché a*”. Nesse caso, A.S. não utilizou o *Am* nem o pronome *Yo* em espanhol. Soubemos depois, por meio do voluntário que lhe dava aula de espanhol, que essa era uma das frases que repetia seguidamente a todos que contava a sua história. Ou seja, a partida tem um peso simbólico muito forte. É como nos dissesse: “deixei tudo para trás”. Logicamente, esse nosso entendimento não foi aleatório e foi construído graças a vários indícios não verbais, tais como os gestos, as expressões faciais, os olhares e os silêncios.

A.S., inconformado com a sua situação, pedia que concordássemos com a sua vontade de esquecer que era romeno. Este próximo fragmento mostra bem tal situação:

“*Voy destruir pasaporte de Rumanía. Nu quiero más ser romeno. Ser mai bun para mí. Nu-i așa?*” (A.S. nesse momento, começou a chorar compulsivamente)

Limando as lágrimas, seguiu falando: “*Necesito saber bien español (pausa)... Tener empleo y dar pasos ciertos. ¡Quiero ser español!*”

A expressão */Nu-i așa?/* pode ser traduzida ao espanhol como *!¿A que sí?!* e em português a */Não é? /*. Esse é um marcador discursivo que tem a função de interação com o(s) outro(s) envolvidos no ato dialógico, é como uma solicitação de participação e opinião. Serve ao mesmo tempo como uma afirmação, uma pergunta e uma provocação. Na verdade, sem que

o próprio sujeito-narrador tenha plena consciência, é um clamor por concordância ao seu pensamento e ao seu discurso. A pista prosódica da entonação de voz é a que, no caso de A.S., fez uma diferença imensa, deixando uma marcação discursiva claríssima. Como, no primeiro momento não entendemos o que ele havia dito, escutamos várias vezes a gravação para tentarmos captar o código linguístico. Quando soubemos do que se tratava, após consultar o *preot* (sacerdote da igreja ortodoxa romena) que vivia na cidade de Zaragoza, compreendemos o forte apelo que havia por meio da sua pergunta.

A frase anterior de A.S. foi muito forte, ou seja, */voy destruir/* (a formulação em espanhol, sob a regra padrão seria */voy a destruir/*). Ele não queria mais ser romeno em função de todo o sofrimento que já havia passado. Dizia ser */mai bun/* (melhor) para ele e com a voz, mergulhada numa dor profunda, dava sequência com uma hipótese que ele mesmo sabia estar longe da sua situação real: */Quiero ser español/*. Ficamos impressionados com o fato de ter pronunciado tal frase em espanhol, categoricamente, com um tom de voz que evidenciava a sua fúria. As alternâncias de códigos, as escolhas prosódicas, as aberturas e fechamentos dos turnos conversacionais na narrativa de A.S. eram feitas com avassaladora intensidade, de um sujeito mergulhado em inconformismo e indignação.

## CONCLUSÕES FINAIS: CONFUSÕES DOS CORPOS EM MOVIMENTO

---

O caso de A.S. conduziu-nos a um turbilhão de pensamentos e sentimentos. *Presenciamos a expressão da dilacerante dor do indivíduo que tem a sua alma destruída, materializando-se por uma língua(gem) cheia de pistas.*

A.S. nasceu romeno, mas não queria mais viver e morrer como tal. O mesmo que a sua situação social no seu país natal (fruto do contexto histórico, sociopolítico e econômico) fez com a sua alma é o que ele desejava fazer com o seu passaporte (destruí-lo).

Havia uma mistura de sentimentos de desespero e impotência materializada no seu choro compulsivo e em cada um dos seus gestos. O caminho já havia sido árduo, mas não deixaria de sê-lo pelo fato de estar em um novo país (para onde o seu “corpo em movimento” imigrou). O seu corpo e a sua alma estavam destruídos e ele deseja reconstruir o seu ser, (re)começando do zero se assim tivesse de ser. Na verdade, ele sabia que precisaria juntar os cacos que havia deixado pelo caminho. E mesmo que, depois de anos na Espanha, chegasse a atingir o status para pleitear a cidadania espanhola, precisaria da sua documentação romena. Não poderia dar passo algum se fosse sujeito indocumentado. Ter consciência disso, aumentava o tamanho das suas feridas.

Uma das anotações no nosso caderno de campo foi:

“Olhava para o seu passaporte enquanto falava e enxugava as lágrimas. Desviava o olhar de nós, seus interlocutores, como se estivesse com vergonha do que estávamos pensando sobre a sua condição (como se sentisse humilhado diante de nós). A sensação que nos passou, por meio de seus gestos, foi de desilusão misturada com uma raiva profunda. Para nós (quando nos olhava por pouco tempo, desviando muito rapidamente o olhar para baixo, para o passaporte que segurava) direcionava uma mirada triste. Para o passaporte destinava outro tipo de olhar, de muita raiva. O documento chegou a ficar enrugado pela força que imprimiu ao apertá-lo.”

Nosso contato com aquele “corpo incompleto em movimento”, cheio de con-fusões (Orlandi, 2017, p. 79) nos levou a conhecer a versão mutiladíssima de A.S. Era o sujeito convulsionado que precisaria (re)criar uma versão de si mesmo. O ritmo, as pausas, as entonações, os acentos, os tons, as gesticulações, os movimentos corporais, os direcionamentos de olhares e a distância proxêmica (que A.S. guardava conosco e com o seu passaporte) foram aquelas que possibilitaram uma análise riquíssima do discurso daquele imigrante romeno de passagem no pequeno povoado de Longares. De Bucareste a Paris, de Paris a Saint-André, de Saint-André a Barcelona, de Barcelona a Zaragoza, de Zaragoza a Longares: essa foi a trajetória de A.S. As memórias deste caminhar de A.S. poderiam resultar na escrita de uma micro-história que, quem sabe, nos levaria a histórias cruzadas feitas de dissimetrias de muitos seres humanos em movimento, em busca de um oásis, de uma terra prometida ou de um lugar ao sol.

Soubemos, seis meses depois da nossa entrevista, que A.S. tinha atingido um nível muito bom do domínio da língua espanhola (falada e escrita). Por tal razão, uma família espanhola o havia contratado para trabalhar em um micro agronegócio de plantação de laranjas e de produção de suco. Provavelmente, se tivéssemos entrevistado A.S. novamente, depois de alguns anos, nos surpreenderíamos com um novo discurso, quer seja pelo domínio da língua espanhola, quer seja por uma nova narratividade carregada de novos elementos constituintes da sua individuação, quer seja pela presença de novos traços identitários multilinguísticos e multiculturais. As marcas do passado continuariam ali, mas transfiguradas num novo cidadão. Talvez, tivesse chegado à conclusão de que não era nem cidadão romeno, nem espanhol. Quem sabe ele tivesse assumido a sua identidade de cidadão do mundo, desprovido daquele ímpeto de destruir o seu passaporte romeno.

Para concluir, afirmamos que vale a pena investir no aprimoramento da articulação língua(gem)-comunicação-história para estabelecermos estudos que não se fixem apenas nas aparências, mas que se dediquem a práticas que tragam à tona as marcas mais profundas de histórias tão diversas de “corpos e almas em movimento”. Nem meias, nem poucas palavras bastam para entender as subjetividades humanas. Buscar pistas que vão muito além das superficialidades e mergulhar no oceano das dissimetrias representa um grande desafio, o qual proporciona um sentido muitíssimo maior à nossa missão de investigadores acadêmicos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Aarts, J. (1991). Intuition-based and observation-based grammars. En: K. Aijmer y B. Altenberg. (Eds.), *English corpus linguistics. Studies in honor of Jan Svartvik* (p. 44-62). Londres, UK: Longman.
- Alberti, V. (2008). Histórias dentro da História. En: C.B. Pinsky (org.). *Fontes Históricas*. (p. 155-202). São Paulo, Brasil: Contexto.
- Aristóteles. (2006). *De anima*. Tradução Marília Cecília Gomes dos Reis. São Paulo, Brasil: Editora 34.
- Blommaert, J. (2007). Sociolinguistics and discourse analysis: Orders of indexicality and polycentricity. *Journal of multicultural discourse, Ugent*, 2(2), 115-130.
- Blommaert, J. (2010). *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge, Estados Unidos: Cambridge University Press.
- Blommaert, J. (2017). Society through the lens of language: A new look at social groups and integration. Recuperado de [https://www.tilburguniversity.edu/upload/0a9afaa2-3e77-4ff4-b267-899296bf4150\\_TPCS\\_178\\_Blommaert.pdf](https://www.tilburguniversity.edu/upload/0a9afaa2-3e77-4ff4-b267-899296bf4150_TPCS_178_Blommaert.pdf).
- Charaudeau, P. y Maingueneau, D. (2002). *Dictionnaire d'Analyse du Discours*, Paris, Francia: Editions du Seuil.
- Charaudeau, P. (2011). Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. *Revista Diadorim*, 10, 1-23.
- Freitas, A.J; Araújo, C.S y Sales, T.B (2017). O que essa entrevista está documentando?. *História Oral*, 20(2), 237-251.
- Gumperz, J.J. y Hymes, D. (1972). *Directions in Sociolinguistics*. Holt, Rinehart, and Winstom. USA: INC.
- Gumperz, J.J. (1972). The Speech Community. En: P.P. GIGLIOLI. (Ed.). *Language and Social Context: Selected Readings*. (p. 219-231). UK: Penguin Books.
- Gumperz, J.J.(2002). Convenções de Contextualização. En: B.T. Ribeiro y P. GARCEZ (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. (p. 149-182). São Paulo, Brasil: Edições Loyola.
- Orlandi, E.P. (2012). *Discurso em análise: Sujeito, sentido, ideologia*. Campinas, Brasil: Pontes.
- Orlandi, E.P. (2014). Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito. *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*, 34.
- Orlandi, E.P. (2017). *Eu, Tu, Ele - Discurso e Real da História*. Campinas, Brasil: Pontes Editores.
- Ribeiro, B.T. e Garcez, P. (2002). *Sociolinguística interacional*. São Paulo, Brasil: Loyola.
- Silva, M.L.A. (2009). A linguística e a sociolinguística numa perspectiva brasileira. *Revista Filosofia Capital*, 4(8), 23-39.

### FONTE ORAL

A.S. (set. 2005). Entrevistador: Suzanne Legrady. Longares, Zaragoza, Espanha, 10 set. 2005.

Legrady, Suzanne Maria. (2019). Um projeto de aproximação da história e da sociolinguística rumo ao entendimento das dissimetrias humanas... *MODULEMA. Revista Científica sobre Diversidad Cultural*, 3, 27-44. DOI: <http://dx.doi.org/10.30827/modulema.v3i0.8373>

---

**Autores / Authors**

**Saber más / Toknow more**

**Suzanne Maria Legrady**

Investigadora do Programa de Pós-Graduação em História Global da Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-graduada pela UNIZAR - Espanha em Direção de Entidades de Economia Social, formada no Máster Internacional de Comunicação e Educação pela UAB - Espanha e graduada pela ESPM São Paulo. Na África, atuou como professora de Comunicação Social (em Quelimane, Moçambique) e realizou investigações junto a refugiados de diferentes etnias africanas (na África do Sul). Na Espanha, coordenou o Programa de Acolhida a Imigrantes Amigos de la Sonrisa. No Brasil, atuou como professora do SENAC e da Associação Vida Jovem. Atualmente, desenvolve a investigação “Melilla-Marrocos, a Fronteira Multifacetada do Sul da Europa e do Norte da África”.



[0000-0003-1646-0100](https://orcid.org/0000-0003-1646-0100)



<http://lattes.cnpq.br/2353701390394832>

